



Periódico Eletrônico

ISSN 1980-0827

## FÓRUM AMBIENTAL DA ALTA PAULISTA

Volume IV, Ano 2008

Instituição Organizadora: ANAP - Associação Amigos da Natureza da Alta Paulista

### **PUBLICAÇÃO**

Referência: **Anais do IV Fórum Ambiental da Alta Paulista**

Abrangência do Evento: **Nacional**

Instituição Organizadora: **ANAP – Associação Amigos da Natureza da Alta Paulista**

Período de Realização do Evento: **21 a 24 de julho de 2008**

Local do Evento: **Estância Turística de Tupã/SP**

### **TRABALHO**

Categoria do Trabalho: **Acadêmico / Artigo Completo**

Eixo Temático: **Populações Nativas e Manifestações Culturais**

Forma de Apresentação: **Oral**

Forma de Publicação: **Eletrônica em CD-Rom**

### **PERIÓDICO DO ELETRÔNICO**

Nome: **Fórum Ambiental da Alta Paulista**

ISSN: **1980-0827**

Páginas: **1765 a 1780**

Volume: **IV**

Ano: **2008**

# **CARACTERIZAÇÃO SOCIO-AMBIENTAL DA ÁREA INDÍGENA ÍNDIA VANUÍRE ARCO-ÍRIS/ SP E SUAS IMPLICAÇÕES NO ÂMBITO CULTURAL E AMBIENTAL**

**Robson A. Rodrigues** <sup>1</sup>

**Dulcelaine L. L. Nishikawa** <sup>2</sup>

**RESUMO:** o trabalho está fundamentado na necessidade de melhor compreensão das condições socioambientais presentes na aldeia Indígena Índia Vanuíre Arco-Íris\SP tanto no âmbito cultural quanto ambiental. Os dados coletados por meio da pesquisa desenvolvida por Rodrigues (2007) evidenciam que

<sup>1</sup> Doutor em Etnoarqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia / USP. Pesquisador do Centro de Estudos Indígenas Miguel A. Menendez / UNESP – [robson\\_arqueo@yahoo.com.br](mailto:robson_arqueo@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Mestre em Ciências da Engenharia ambiental pelo Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada da Escola de Engenharia / USP. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia / UNESP – [dulcenishi@yahoo.com.br](mailto:dulcenishi@yahoo.com.br)



tanto no que competem as características ambientais quanto nos aspectos socioeconômicos a área apresenta problemas. Estes podem vir a por em risco a integridade da comunidade indígena. A pesquisa formulada pelo autor propõe que os estudos desenvolvidos no âmbito da aldeia possa vir subsidiar projetos que permitam uma mudança da realidade sociocultural e histórica dos povos indígenas. Evidência também esse processo tem que ser efetuado com base em um novo paradigma: o do respeito à interculturalidade, ao multilingüismo e a etnicidade. Tem por objetivo a manutenção da alteridade de cada grupo para que assim se torne possível manter a sua auto-sustentabilidade, nesse sentido, a ampliação dos seus territórios passa a ser de grande importância.

**Palavras-chave:** Comunidades indígenas. Auto-sustentabilidade. Ampliação de território.

## 1 INTRODUÇÃO

Os espaços geográficos destinados aos povos indígenas atualmente são delimitados, isso decorre da política de demarcação de Terras Indígenas no País. Observamos que historicamente as populações indígenas do Brasil estiveram sempre em desvantagem em relação à sociedade nacional. Para amenizar esse problema a política de “proteção” aos direitos dos povos indígenas veio contribuir para a sobrevivência física destes povos, mas as ações e políticas de revitalização e manutenção da cultura destes povos ainda são pouco expressivas e seus espaços territoriais cada vez mais restritos.

Ainda assim, o que se observa é uma resistência por parte dessas comunidades, para obterem a preservação das suas práticas culturais ainda que minimamente e de seus espaços físicos. E muito embora, possa-se considerar que, apesar dos limites tradicionais os povos indígenas terem se modificado, ganhando fronteiras bem adversas, em relação às do passado, estes povos procuram manter sua alteridade.

Destacamos a necessidade de projetos específicos para essas comunidades que auxiliem na manutenção da sua alteridade e que possibilitem a sua auto-sustentabilidade. Para tanto a ampliação dos seus territórios passa a ser de grande importância para atingir estes objetivos. Estes projetos deverão ser subsidiados por pesquisas para uma compreensão da realidade sociocultural e histórica dos povos indígenas, a partir de um novo paradigma de respeito à interculturalidade, do multilingüismo e a etnicidade.



No entanto, ainda hoje se observa o desenvolvimento de pesquisas que se baseiam na concepção de políticas meramente integracionista. Quando na verdade se necessita desenvolver trabalhos com base na valorização da cultura indígena, para tanto se torna necessário novos alicerces, novos olhares, novos pensares, rompimento, de fato, com o modelo integracionista vigente, pautando-se por um modelo que gera autonomia organizativa e auto-sustentabilidade. O atual modelo de administração das áreas indígenas não responde as necessidades das comunidades e só ampliam o processo de degradação dos seus territórios tanto cultural quanto físico. O levantamento socioeconômico desenvolvido por Rodrigues (2006), mostra que a ação nestes territórios deve se apoiar em projetos que vinculem a percepção social, ambiental e cultural das áreas de aldeia indígena, buscando a compreensão desses espaços como um todo.

## **2 ASPECTOS AMBIENTAIS DE INTERFERÊNCIA NO ÂMBITO LOCAL DA ALDEIA ÍNDIA VANUÍRE/SP**

No diagnóstico socioeconômico desenvolvido no âmbito da pesquisa de Rodrigues (2006) foi feita uma avaliação das áreas de reserva legal e mata ciliar no ambiente da aldeia indígena e os dados deste laudo técnico produzido por Brigante (2006) evidenciou que a área tanto do entorno quanto interna a aldeia indígena está em processo de degradação devido às práticas agrícolas adotadas atualmente e que foram introduzidas historicamente pelo Serviço de Proteção ao Índio..

É importante ampliar a percepção de que a degradação do entorno de suas áreas podem afeta-los diretamente, pois é o motivo que atualmente impossibilita a sua auto-sustentabilidade, ou seja, as práticas produtivas adotadas não permitem a auto-sustentação da comunidade indígena, nem no que compete a da qualidade de vida nem a valorização e preservação da cultura.

No caso específico da comunidade indígena Índia Vanuíre, em Arco-Íris/SP, a ocupação por meio dessas atividades produtivas agrícolas resultou em um dos principais



problemas ambientais que é o assoreamento das nascentes formadoras da bacia hidrográfica do rio Feio/Aguapeí.

As Terras tanto do entorno quanto da comunidade Indígenas são de solos arenosos pouco propícios à atividade agrícola, necessitando de insumos para ampliar a produtividade das roças familiares. Além disso, a área e seu entorno, integralmente ocupada por fazendas de gado, foi quase que totalmente desmatada ao longo do último século, o que tem provocado vários tipos de problemas ambientais (assoreamentos dos córregos, diminuição da capacidade dos mananciais, erosão das áreas de roças), que vêm provocando a pauperização crescente da comunidade.

Soma-se a esse quadro o crescimento da população e, portanto, surge a necessidade de novas áreas para a produção de roças. Quanto aos aspectos físicos observou-se que a área apresenta deficiências do ponto de vista produtivo. Uma das causas é o desconhecimento das reais condições físico-químicas das áreas destinadas à atividade produtiva, com o uso inadequado do solo durante décadas, o que gerou um comprometimento da estrutura física deste.

Brigante (2006) descreve que o solo da aldeia Vanuíre, possui aspecto arenítico, sendo este bastante suscetível a erosão, gerando quadros de grande instabilidade. Segundo a avaliação, a situação ambiental de manutenção dos recursos naturais na aldeia se agrava devido aos processos de escoamento superficial e arraste de material para o fundo dos vales, assoreando os cursos d'água. Foram presenciados vários pontos críticos de erosão na área, como também na área vizinha, pois as perdas de solo não obedecem a fronteiras físicas, mas antes é uma resposta da topografia regional.

Observa-se na área alto grau de erosão que vem causando perda da camada superficial fértil fruto do desmatamento e a implantação de pastagens e lavouras. Na avaliação de Brigante (2006) a área apresenta-se em avançado estágio de degradação dos solos, especialmente das margens dos cursos d'água, afetadas por erosão do canal e erosão por deslizamento, com grandes blocos de solo despencando para dentro da calha dos córregos.

Com o desmatamento das cabeceiras de nascentes e de mata ciliares, o que se pode observar é um comprometimento dos recursos hídricos, tanto no âmbito local quanto regional. Um dos fatores responsáveis por esse comprometimento é o uso do solo para



atividade agropecuária, sendo esta a segunda atividade econômica da aldeia e a grande responsável pelos impactos ambientais observados.

Outro fator relevante a ser observado é que os espaços físicos das aldeias recebem influência das atividades produtivas do seu entorno. A ampliação do plantio de cana no entorno da aldeia Vanuíre tem alterado a qualidade dos corpos d'água, como a presença de substâncias como fertilizantes e agrotóxicos nestes sistemas, como já detectado principalmente no córrego do Pirã que recorta a área.

Segundo informações orais levantadas por Rodrigues (2006) há relatos dos moradores sobre problemas dermatológicos após tomarem banho no córrego do Pirã. Citam também extinção e morte de peixes, fazendo uma comparação com a época em que os seus antepassados realizavam uma pesca abundante no córrego, além das informações orais sobre alterações físicas que foram observadas pelos moradores. Relatam o desaparecimento de trechos do próprio curso do córrego, indicando um rebaixamento do lençol subterrâneo.

### **3 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA DA ÁREA DE ESTUDO.**

É importante fazer memória do processo histórico pelo qual passou a comunidade indígena em questão para maior compreensão de quais motivos os levaram ao atual quadro de degradação da qualidade de vida.

Rodrigues (2006) esclarece que no decorrer do século XX, mais especificamente na primeira década, são criadas, pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI)<sup>3</sup>, as reservas destinadas ao agrupamento das populações indígenas remanescentes dos conflitos com a frente de expansão capitalista no oeste paulista.

Estes locais são definidos pelo aldeamento de Icatú, às margens da estrada Penápolis-Aguapeí e o aldeamento Índia Vanuíre, próximo ao rio Feio/Aguapeí que se estendem até a atualidade nesse modelo. Estas áreas correspondem a uma pequena parcela do que foi o território ocupado pelas populações indígenas, no passado.

---

<sup>3</sup> Atual Fundação Nacional do Índio (FUNAI).



São reservas multiétnicas, isto é, habitadas por diferentes grupos étnicos, oriundos dos processos de apropriação de terras e da política de pacificação indígena implementada pelo sistema de colonização do sertão paulista, bem como em outras regiões do país. “São partes dos antigos territórios indígenas, doados pelo Estado ou por particulares ao SPI, para atrair e localizar os indígenas remanescentes do período das guerras com os bugreiros, que foram ‘pacificados’ pelo SPI” (PINHEIRO, 1999, p. 116).

Antes de serem definidos na atual constituição de aldeamentos Icatú e Vanuíre, o SPI criou o acampamento do Ribeirão dos Patos, atual município de Promissão, fixando um primeiro aldeamento em um local bem freqüentado pelos indígenas nas margens do referido ribeirão onde se entrecruzavam várias trilhas oriundas de diversas aldeias construídas na região.

Segundo dados de Melatti (1976), esse processo que se inicia com a ação do SPI se dá devido ao intenso conflito que já estava se tornando insuportável. Nesse período, o diretor do SPI, marechal Rondon, desenvolve um plano de atração e pacificação dos Kaingang com a criação de um hospital provisório em Miguel Calmon para atender aos índios e a instalação de um acampamento de atração em Hector Legru (atual Promissão), à margem da estrada de ferro, de onde inicia a abertura de uma picada pelo meio da mata em direção ao rio Feio. Depois se transfere para o acampamento Ribeirão dos Patos, fazendo aí sua base de operações.

Essa mobilização acontece entre 1911 e 1912 períodos de início do contato de atração, indo até 1915 com a pacificação do último grupo Kaingang. Porém,

[...] em consequência dos interesses econômicos e comerciais nas terras indígenas, pouco depois da ‘pacificação’, o acampamento dos Patos foi extinto. Os Kaingang foram forçados a se transferirem para uma área adquirida pelo SPI, denominada Icatú (PINHEIRO, 1999, p.197).

As sedes destes postos indígenas possuem aproximadamente as mesmas instalações com a casa do chefe de posto, enfermaria, escola, galpões e áreas esportivas.

O Posto Indígena Icatú localiza-se no município de Braúna, distante apenas 8 km desta cidade e a 35km de Penápolis, o centro regional. A mudança se deu em junho de





1916 acarretando conflitos entre os grupos Kaingang aldeados e entre os indígenas e o SPI. Segundo Melatti (1976) este posto também é conhecido pelo nome de “Capitão Kenkrá<sup>4</sup>”, pois a denominação Icatú foi definida a partir de maio de 1969.

Esta aldeia é a menor das reservas, possuindo 301 ha de terras demarcadas onde habitam 104 pessoas entre os Kaingang e os Terena<sup>5</sup>. A área do Posto é limitada pelo córrego Icatú e pela estrada que liga Braúna a Luiziânia, ficando assim, relativamente isolado do movimento, pois a parte habitada da área está longe da estrada. A reserva é cercada por propriedades rurais destinadas ao plantio agrícola e a criação de gado.

Para resolver o conflito entre os grupos Kaingang também foi criado em 1916 um outro aldeamento, 9 km antes do rio Feio/Aguapeí, que recebeu o nome de Posto Indígena Vanuíre e agrupou alguns dos dissidentes do antigo posto (PINHEIRO, 1999).

Também conhecido como aldeia Pirã ou Aldeia dos Índios, este Posto localiza-se no município de Arco-Íris, no bairro da Ponte Alta, distante 23km do município de Tupã. Possui 709 ha de terras demarcadas, onde se concentram uma população de 181 indivíduos<sup>6</sup>, registrados no ano 2000, entre os Kaingang, os Terena, os Krenak e alguns indivíduos do grupo Fulniô, Pankararu, Guarani e Aticun, além de não-índios.

Em ofício redigido por Horta Barboza (1940) ao chefe do SPI, expondo o histórico da aquisição das terras do Posto Indígena de Vanuíre, há a fazenda Guataporanga, localizada em ambas as margens do rio Feio/Aguapeí, de propriedade do Senador Toledo Piza, posteriormente sendo repassada para a Sociedade Lélío Piza e Irmãos,

[...] abarcando a totalidade das terras onde campeava indômita a nação Kaingang, a inspetoria abre o seu segundo posto para a pacificação dos Kaingang e deu-lhe o nome de Vanuíre, em memória da índia que assim se chamava (BARBOZA, 1940, p. 04).

No relato histórico, as terras situadas à margem esquerda do rio Feio/Aguapeí, próximo ao córrego Pirã, o SPILTN adquire 250 alqueires, registrados no cartório do 8º

<sup>4</sup> Uma referência ao Rekakê Clencá que atuou ativamente na interlocução entre Kaingang e não índios durante a permanência indígena no aldeamento do Ribeirão dos Patos.

<sup>5</sup> Conforme dados obtidos pelo Instituto Socioambiental junto a FUNAI no ano de 1998 e publicado em Povos Indígenas no Brasil: 1996/2000, conforme RICARDO (2000:772).

<sup>6</sup> Conforme dados do Instituto Socioambiental já mencionado em RICARDO (2000:776).



tabelião da capital de São Paulo em 04/06/1917 no livro de notas nº 17, fls. 45, para fixação dos Kaingang, principalmente do grupo liderado por Charim. Nas terras de Icatú foi aldeado principalmente o grupo de Vauim, posteriormente sendo substituído na liderança, após sua morte, pelo chefe Careg, porém não recebendo todos os grupos indígenas já que outros optaram em continuar em suas aldeias, por causa das desavenças<sup>7</sup>. (BARBOZA, 1940: 05)

Na visão de Pinheiro (1999), Vanuíre tem sua origem na própria ação de atração e pacificação do povo Kaingang. Segundo essa autora, em 1911, durante a expedição de reconhecimento da região de conflito, primeira etapa do plano de pacificação, o SPI localiza cinco índios Kaingang que foram aprisionados durante batidas bugreiras, nas terras de um bugreiro de nome Coronel Francisco Sanches de Figueiredo, em Campos Novos do Paranapanema, e que estavam sendo escravizados. Após serem retirados do cativeiro, tornaram-se importantes mediadores na frente de atração dos Kaingang, sendo que a personagem mais importante é a índia Vanuíre que se destaca na intermediação.

Predominam atualmente nesta aldeia os indivíduos do grupo Kaingang, antigos moradores da região, e os Krenak, segundo grupo dentro da aldeia que foram transferidos para Vanuíre principalmente a partir da década de 40 do século XX, oriundos do vale do Rio Doce e do São Mateus, região mineira intensamente disputada por fazendeiros (PINHEIRO, 1999).

Numa distância de 9 km da aldeia Vanuíre encontra-se o rio Feio/Aguapeí, sendo que o Posto é banhado diretamente pelo córrego Pirã, afluente do ribeirão Iacri e, no seu limite leste, banhado pelo alto curso do ribeirão Coiós. A área indígena é recortada por estradas de rodagem municipal, em sentidos diferentes, tendo um tráfego relativamente intenso. O perímetro da reserva está cercado por inúmeras fazendas agrícolas e de criação de gado.

Nesse sentido, relata Pinheiro que a aldeia Vanuíre

---

<sup>7</sup> Sobre a questão dos conflitos entre os grupos Kaingang e a necessidade de divisão do posto de Icatú, comenta Barboza (1940) afirma que *“a população Kaingang estando dividida em grupos rivais, que frequentemente abriam lutas intestinais, outros índios daquela nação permaneceram em aldeia própria, fora de Icatú e Vanuíre, e lá permaneceram em seu isolamento é que a inspetoria comparecia para dificilmente assistí-los. Esses índios isolados foram os do chefe Iacri”* (Barboza, 1940:05).





[...] constitui-se numa pequena reserva remanescente dos territórios tribais atualmente administrados pela Funai. Faz parte de um sistema econômico e administrativo que impede o acesso dos indígenas às terras e matas da região, destrói a autonomia dos grupos, controlando e direcionando os seus interesses (PINHEIRO, 1999, p. 10).

#### **4 ASPECTOS REFERENTES AO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO QUE REFLETEM DIRETAMENTE NA QUALIDADE DE VIDA DA COMUNIDADE INDÍGENA**

A área de inserção do estudo em andamento se dá no contexto do Planalto Ocidental Paulista a partir de uma fração do Planalto Meridional Brasileiro, na Bacia do Paraná, contendo como principal canal de drenagem, o rio Feio-Aguapeí, envolvendo o município de Arco-Íris, microrregião de Tupã e mesorregião de Marília, oeste do Estado de São Paulo.

A pesquisa realizada por Rodrigues (2006), na aldeia Índia Vanuíre, aponta para uma série de deficiências em termos de qualidade de vida da comunidade.

Deficiências essas geradas pelo processo histórico ao qual estiveram sujeitos seus moradores, o que se reflete diretamente na auto-estima do grupo, fazendo com que, na atualidade, não observem perspectivas futuras, dado que a área da aldeia já se encontra com problemas de estrutura física para comportar a população local, indicando sinais de esgotamento dos recursos naturais explorados, como o solo, sendo necessários a sua ampliação para proporcionar melhor qualidade de vida à comunidade.

Ainda segundo o referido estudo, a atividade de subsistência familiar desenvolvida por essa comunidade tem um papel importante na vida da aldeia Vanuíre. Nesse sentido, procura-se entender como esse elemento de manutenção se faz presente no cotidiano das famílias. A atividade de roça se apresenta de forma associada a outros elementos complementares como hortas e pomares de frutas. Do universo de residências pesquisadas, 44% possuem roça de subsistência com produtos variados como milho, feijão, arroz, batata doce, mandioca, abóbora, morango, entre outros produtos. No caso das hortas, a produção acontece no entorno das casas e corresponde a 26% dos moradores locais. Produzem nesse tipo de plantio diversos gêneros alimentícios como o



milho, feijão, arroz, batata doce, mandioca, abóbora, couve, rabanete, salsa, rúcula, moranga, gengibre, batata, chuchu, alho, almeirão e café.

O mesmo estudo identifica que o que mais caracteriza a vida cotidiana das residências é o pomar frutífero, correspondendo a 60% das residências. Várias frutas são encontradas como o abacaxi, goiaba, jabuticaba, laranja, limão, mamão, manga, serigüela, acerola, cajamanga, abacate, umbu, tamarindo, mexerica, uva, banana, jaca, cana, ingá, carambola, jambolão, pêssego, jambo, côco e pitanga.

A associação desses três elementos roça-horta-pomar, também se dá de forma constante, porém a principal relação diz respeito a famílias que possuem a roça e o pomar (28%) ou a horta e o pomar (26%). O gráfico apresentado abaixo permite observarmos que a forma de composição da produção de alimentos na aldeia Vanuíre corresponde basicamente a atividades de subsistência.

↳ - Gráfico da subsistência doméstica na aldeia Vanuíre.

Tipo	Geral (50)		Casas somente kaingang (11)		Casas c/ pelo menos 1 kaingang (39)		Casas com Outras etnias (11)	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Roça	22	44,0%	5	45,5%	16	41,0%	6	54,5%
Horta	13	26,0%	2	18,2%	11	28,2%	2	18,2%
Pomar	30	60,0%	4	36,4%	24	61,5%	6	54,5%
Roça/Horta/Pomar	5	10,0%	2	18,2%	4	10,3%	1	9,1%
Roça/Horta	5	10,0%	2	18,2%	4	10,3%	1	9,1%
Roça/Pomar	14	28,0%	2	18,2%	10	25,6%	4	36,4%
Horta/Pomar	13	26,0%	0	0,0%	11	28,2%	2	18,2%
Nenhum	12	-	5	-	9	-	3	-
1 tipo	17	-	3	-	13	-	4	-
2 tipos	16	-	1	-	13	-	3	-
3 tipos	5	-	2	-	4	-	1	-

**Roça**

Produtos cultivados em geral: milho, feijão, arroz, batata doce, amendoim, mandioca, abóbora e morango

**Horta**

Produtos cultivados em geral: milho, feijão, arroz, batata doce, amendoim, mandioca, abóbora e morango  
couve, rabanete, salsa, rúcula, moranga, gengibre, batata, chuchu, alho, almeirão e café

**Pomar**

Produtos cultivados em geral: abacaxi, goiaba, jabuticaba, laranja, limão, mamão, manga, serigüela, acerola, cajamanga, Abacate, Umbu, tamarindo, mexerica, uva, banana, jaca, cana, ingá, carambola, jambolão, pêssego, jambo, côco, pitanga

Imagem 01 – Informações sobre a subsistência doméstica na aldeia Vanuíre

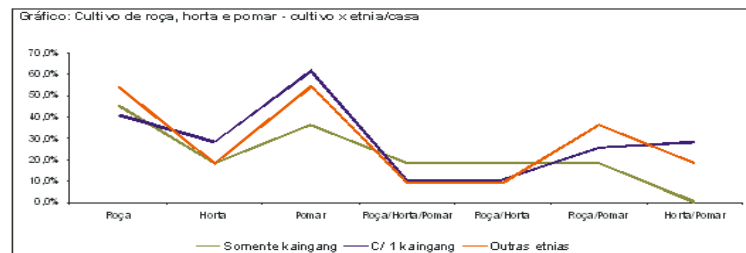
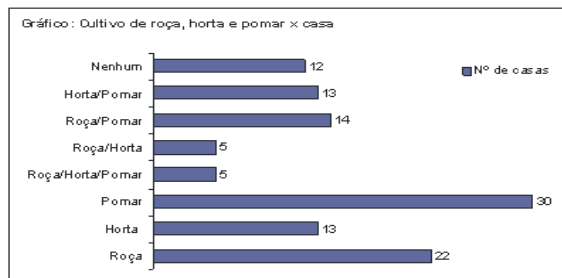


Imagem 2 – Relação entre atividade de subsistência e os grupos étnicos

No contexto das aldeias tem-se, no entanto, o problema da necessidade de ampliação de áreas para produção agrícola, devido o crescimento populacional apontado tanto por Pinheiro (1999) quanto por Rodrigues (2006). Como exemplo, no caso da aldeia Vanuíre, é possível observar que a população local é muito jovem, compondo 55% do total dos entrevistados. É possível observar, ainda pelos dados já sistematizados, que o aldeamento Vanuíre passa, atualmente, por problemas estruturais, justificando uma intervenção junto à comunidade indígena para superar as deficiências da área como um todo. O gráfico abaixo indica que há uma população jovem crescente na área da aldeia, porém em termos territoriais, a área indígena continua com as mesmas dimensões da época de sua delimitação. Este fato não permite perspectivas de trabalho e renda para essa faixa da população indígena.

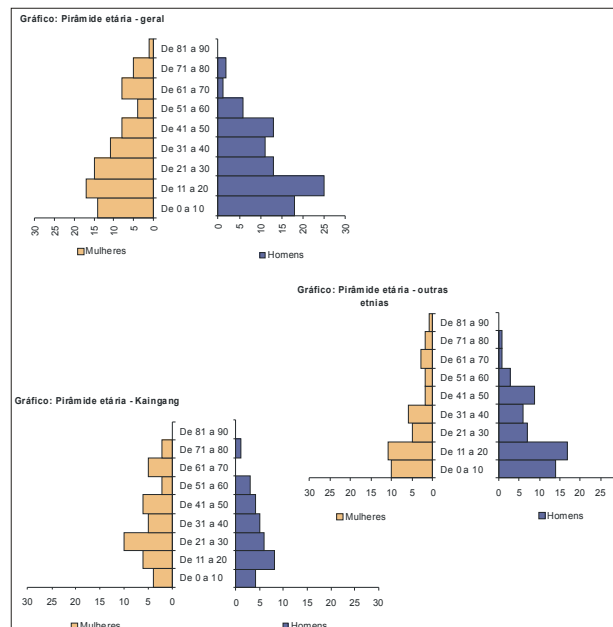


Imagem 03 – Indicadores da faixa etária na aldeia Vanuíre

A comunidade indígena Vanuíre tem sua renda basicamente composta pela atividade agrícola subdividida em atividade de subsistência e de produção, caracterizada por Rodrigues (2006) como roça. A produção da roça assume dois aspectos: o de garantir o sustento da família e a comercialização do excedente. Está envolvida nessas atividades 8% da população. Cerca de 10% da população local desenvolve atividades ligadas a agricultura, mas fora do aldeamento, nas atividades produtivas agrícolas sazonais, a exemplo, do plantio e da colheita de amendoim.

O trabalho indígena fora da aldeia não é remunerado adequadamente e muito menos de maneira igual aos demais trabalhadores que vendem sua força de trabalho nessas atividades sazonais. Isso ocorre devido ao preconceito que ainda persiste contra as comunidades indígenas. Há uma porcentagem de indivíduos da aldeia sendo esse, cerca de 10% da população ativa, que, buscando compor a renda da família, possuem empregos com registro em carteira em órgãos públicos, representando 2% da população local.

Outro componente bastante ativo na manutenção familiar é o Estado que acaba por ter um papel importante na composição da renda familiar por meio das



aposentadorias, além da obtenção de renda significativa na realidade do aldeamento indígena a partir dos programas sociais, com 10% de participação na assistência familiar da comunidade.

O gráfico abaixo permite a compreensão de que a capitação de renda para a manutenção da família se dá basicamente por meio dos programas sociais e de aposentadorias. O que permite analisarmos que a população mais jovem encontra-se sem perspectivas dentro da aldeia. Sendo necessário para obter condições de reprodução das suas necessidades básicas sair do espaço da aldeia buscando inserção na sociedade envolvente.

Gráfico da condição econômica da aldeia Vanuíre.

Fonte de renda	Geral			Kaingang			Não kaingang		
	Fem.	Masc.	Total	Fem.	Masc.	Total	Fem.	Masc.	Total
Outra	3	0	3	2	0	2	1	0	1
Trabalho Formal	1	4	5	1	2	3	0	2	2
Trabalha Fora	0	14	14	0	6	6	0	8	8
Piça de subsistência	6	9	15	3	2	5	3	7	10
Nenhuma	11	6	17	5	3	8	6	3	9
Aposentadoria	15	4	19	6	2	8	9	2	11
Prog. Sociais	9	10	19	4	2	6	5	8	13
Artesanato	12	9	21	5	5	10	7	4	11
Estudante	18	15	33	5	6	11	13	9	22
Não declarado	18	28	46	11	9	20	7	19	26

Imagem 04 – Indicadores da condição econômica na aldeia Vanuíre

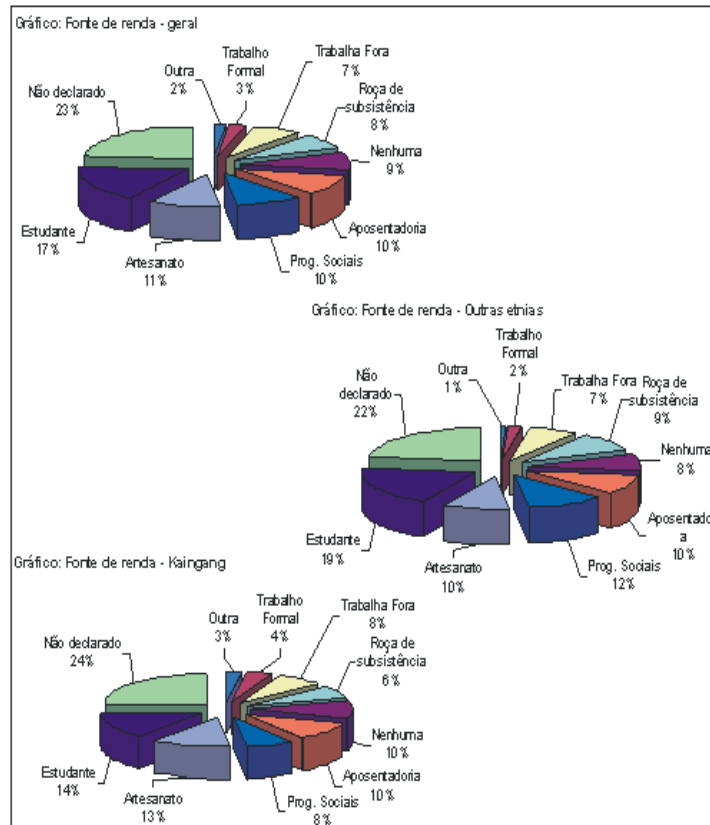


Imagem 05 – Indicadores das fontes de renda na aldeia Vanuíre

Outro dado importante ressaltado é a prática da atividade artesanal na composição da renda familiar. Esta atividade absorve 11% dos entrevistados. No entanto é importante salientar que essa renda não é algo fixo. Apesar de haver produção o tempo todo, existe dificuldade de escoamento. A renda advinda do artesanato fica restrita ao mês de abril devido à data comemorativa do dia do índio.

Pelos dados levantados, 32% dos entrevistados não possuem renda alguma. Dentre esses, 17% são estudantes. No caso dos estudantes, a maioria é do sexo feminino. Os homens jovens da aldeia possuem menor grau de escolaridade. Esses jovens dentro dos aldeamentos indígenas não têm muitas perspectivas de desenvolvimento social e econômico. Há um equilíbrio no que compete a questão de gênero. As mulheres de uma maneira geral se dedicam a atividade do artesanato e cooperam nas atividades da roça com os demais membros da família.





Um dado relevante diz respeito ao cultivo de plantas medicinais sendo que a grande maioria dos moradores da aldeia Vanuíre, ou seja, 74% da população desenvolvem o cultivo de plantas que atuam na cura ou alívio de malefícios diversos, na sua maioria plantada ao redor das residências e, com raras exceções, coletadas nos remanescentes de mata nativa da região.

Segundo Rodrigues (2006) fica claro, que a população economicamente ativa da aldeia Vanuíre não consegue desenvolver ações auto-suficientes para manter um padrão de qualidade de vida das suas famílias, sujeitando-se a desenvolver trabalhos esporádicos sazonais fora do aldeamento indígena, e a vinculação aos programas sociais é a forma de manter sua subsistência, assim como a aposentadoria. No contexto geral do aldeamento tem-se ainda um grupo que está vinculado à associação que fomenta o plantio coletivo para o comércio.

No âmbito das pesquisas já desenvolvidas na área do aldeamento é perceptível uma diversidade agrícola, mas, contudo essa não tem sido suficiente para promover a auto-sustentabilidade do grupo. Dados referentes à sustentabilidade do atual modelo produtivo desenvolvido na comunidade indígena ver artigo “*A Condição sócio-ambiental na área indígena Índia Vanuíre, Município Arco-Íris, e as possibilidades de adequação agroecológica e de recuperação florestal*”, em (Rodrigues, A . R, Nishikawa, D. L, 2007).

## **5 CONCLUSÃO**

A partir dos dados apresentados verifica-se que a área da comunidade indígena no município de Arco-Íris, apresenta uma serie de problemas socioambientais. Esses problemas são frutos do processo histórico de uso e ocupação da área.

Observamos que o atual contexto da área indígena não permite a manutenção da sobrevivência da comunidade de modo a respeitar a sua integridade e, do ponto de vista físico, não garante a sua sustentabilidade. Os dados nos permitem elucidar, ainda, que essa população tem suas condições de produção e reprodução da vida baseadas nas



atividades agrícolas de subsistência, por meio de cultivo da horta, pomar e a roça, porém, essas atividades já apresentam limitações devido às condições ambientais da área.

A composição de renda da população desta comunidade acaba sendo formada basicamente pelos programas sociais e aposentadoria. Observa-se que há um crescimento populacional. Hoje o índice de jovens na aldeia é crescente, representa e 55% da população. Aqui se evidencia um problema, achar ocupação para essa população jovem ativa dentro de um espaço que apresenta características de esgotamento tanto do ponto de vista ambiental quanto de espaço físico.

Em fim, diante de tais problemas torna-se emergencial pensar projetos socioambiental para essas áreas com objetivo de garantir a integridade dessas comunidades, permitindo uma recuperação da área no que competem as questões ambientais e ao mesmo tempo propor iniciativas que caminhem para a ampliação do território para que assim seja possível garantir a auto-sustentabilidade do grupo e a manutenção da vida dos mesmo.

## REFERÊNCIAS

BARBOZA, L. B. H. **Ofício de Cel. Nicolau B. Horta Barboza, inspetor em São Paulo e região do Mato Grosso ao chefe do SPI Cel. Vicente de Paulo T. da F. Vasconcelos.** Abril de 1940.

BRIGANTE, J. **Reconhecimento dos Recursos Florestais em Remanescentes da Reserva Indígena de Vanuíre, Tupã-SP.** São Carlos 2006. (Não publicado).

NISHIKAWA, D. L. L. **Levantamento de informações na Aldeia Vanuíre/Arco-Íris/ São Paulo. Data 21 a 23 de março de 2007.** ( Não publicado).

PINHEIRO, N. S **Vanuíre: conquista colonização e indigenismo – Oeste Paulista 1912-1967.** Tese de Doutorado, Unesp/Assis, SP, 1999.

RODRIGUES, R.A. **Etnoarqueologia da ocupação Kaingang nos campos do Sertão Paulista.** Relatório de Pesquisa. Araraquara (SP). 2007. (Não Publicado).



*Periódico Eletrônico*

ISSN 1980-0827

## **FÓRUM AMBIENTAL DA ALTA PAULISTA**

Volume IV, Ano 2008

Instituição Organizadora: ANAP - Associação Amigos da Natureza da Alta Paulista

RODRIGUES, R.A. **Os caçadores-ceramistas do sertão paulista: um estudo etnoarqueológico da ocupação Kaingang no vale do rio Feio/Aguapeí.** Tese de Doutorado. MAE/USP, SP, 2007.